

Fuga em Agator

Para escapar de Agator, cada passo precisaria ser cuidadosamente calculado. Entre os prisioneiros, um se destacava: Kurama, o canusiano de porte altivo e olhar perspicaz. Ele era o capitão do grupo de Vodka e Anêmonis — ambos mortos, vítimas de traição. As lideranças de Antares, buscando ocultar seus próprios crimes, entregaram Kurama e seus companheiros às patrulhas arturianas, eliminando-os do caminho sem deixar vestígios.

Kurama era alto, quase da mesma estatura que Karas. Seu pelo branco, salpicado de manchas pretas, e as orelhas caídas conferiam-lhe uma aparência pacífica. Mas essa tranquilidade escondia uma mente analítica, sempre alerta. Kurama observava tudo: sabia onde cada soldado se posicionava, os horários das trocas de turno, o conteúdo das conversas sussurradas entre as celas. Em pouco mais de um ano, dominou o idioma arturiano, mostrando um talento raro para adaptação.

Em uma noite abafada na cela comum, Karas se aproximou silenciosamente da grade.

— Você sabe que não sou como eles — sussurrou Karas. — Não vim aqui para vigiar, mas para fugir. Preciso da sua confiança.

Kurama olhou fixo para a frente, sem se virar.

— Confiança não se pede, se conquista. Muitos já prometeram, poucos cumpriram. Por que eu deveria acreditar em você?

Karas baixou a cabeça, o peso da verdade em suas palavras.

— Porque perdi mais do que ganhei aqui. Não estou armado desta vez, só com um plano.

Conquistar a confiança de Kurama seria o maior obstáculo. Karas era um arturiano graduado, e isso, por si só, levantava suspeitas. Mesmo assim, ele estava acostumado a ganhar confiança; fazia isso desde a infância, entre promessas e silêncios.

No entanto, havia uma peça-chave que poderia alterar o curso dos acontecimentos: Muriell Angellus. O goodlesiano de asas brancas e gestos nobres era conhecido por sua postura pacificadora, mas Karas sabia que havia um guerreiro escondido sob aquela serenidade. Os goodlesianos carregavam a fama de "imortais" — nunca fora testemunhado o falecimento de um deles. Verdade ou não, Muriell trazia nos olhos o peso de mil vidas e a paciência cultivada ao longo dos séculos.

Karas buscou Muriell numa manhã de neblina, próximo ao refeitório improvisado.

— Dizem que nada lhe escapa, Muriell. Acaso vê uma chance para nós?

Muriell sorriu levemente.

— A paciência é o segredo da liberdade, Karas. Quem observa aprende. E quem aprende, sobrevive.

— Quando chegar a hora, confiará em mim?

— Quando a hora chegar, confiaremos uns nos outros. É assim que revoluções nascem.

Entre olhares e palavras trocadas em segredo, Karas sentia que, finalmente, a mudança começaria ali, nos muros de Agator, forjada pela aliança silenciosa entre observadores e os que decidiram não aceitar a morte em silêncio.

O turno de mineração iniciava pontualmente às seis horas da manhã. Karas conduzia os prisioneiros pelo elevador, acompanhado de três soldados equipados com disruptores de alta potência. Assim como Karas, os soldados utilizavam armaduras funcionais: simples, mas adequadas às exigências daquele ambiente hostil.

A composição das equipes de vigilância era diversa. Os simioides pertenciam a diferentes etnias, cada uma com peculiaridades físicas. Ciente disso, Karas solicitou que os guardas de sua ala fossem substituídos por membros dos gor, grupo ao qual ele também pertencia. Os gor destacavam-se pelo porte imponente e força física, embora apresentassem limitações em agilidade durante confrontos. Se um prisioneiro conseguisse escapar do alcance daqueles braços poderosos, teria chances de sobrevivência. Essa escolha favorecia o plano de Karas, pois permitiria que Spike Pollux agisse com liberdade.

No vestiário, antes do início do turno, Karas reuniu seu grupo.

— Spike, confio que conseguirá lidar com os dois soldados. Preciso que seja rápido e preciso.

Spike, um canusiano de porte esguio, orelhas erguidas e pelagem amarronzada, respondeu com um sorriso confiante:

— Deixa comigo. Prometo que nem vão perceber o que os atingiu.

Especialista em combate corpo a corpo e de espírito leve, Spike era reconhecido pela eficiência e pelo bom humor, mesmo sob pressão — característica marcante de sua espécie.

Enquanto aguardavam o momento de agir, Zustras Askro, o diplomata, mantinha-se atento à movimentação das naves. Sua audição era extraordinária, permitindo-lhe calcular horários de chegada, permanência e deslocamento de tropas. Acostumado ao ambiente, Zustras deitava a cabeça sobre a pedra e, analisando as vibrações, recolhia informações valiosas. Seu olhar atento frequentemente se detinha em Karas, reconhecendo nele sinais de concentração e inquietação.

Em uma pausa discreta, Karas se aproximou.

— Quantos soldados desembarcaram hoje?

— Trinta e dois — respondeu Zustras, a voz baixa e calculista. — Permanência estimada: três horas. Dois turnos no solo. A janela de oportunidade será curta. Hoje não é o dia.

Outro membro fundamental era Azrael, um goodlesiano cujos cabelos, agora acinzentados pela fuligem, indicavam o tempo sob condições adversas. Azrael era piloto experiente e transmitia serenidade mesmo diante do caos.

— Confio que conseguirá nos tirar daqui pilotando uma das naves? — perguntou Karas, olhando diretamente em seus olhos.

Azrael respondeu com um leve sorriso e uma piscadela do olho direito.

— Na hora certa, Karas, você verá do que sou capaz.

Por fim, havia Tyran Alheus, um antariano de sobrenome pesado. Irmão mais novo do Imperador Arton Alheus, Tyran havia abdicado do privilégio da sucessão para servir como médico e unir-se à Rebelião. Seu semblante era o de alguém obstinado, marcado pela responsabilidade e pelo desejo de justiça.

— Fiz minha escolha por convicção, não por acaso — disse Tyran, em tom grave. — Não descansarei enquanto Antares não estiver livre da tirania. E meu irmão vai pagar muito caro pelo que fez.

Naquela manhã, cada membro exercia sua função com precisão calculada. Havia nos gestos, nos olhares e nos breves diálogos a certeza de que estavam na iminência de algo grandioso — e de que Agator estava prestes a ser palco de uma das mais famosas fugas da galáxia. A resistência preparava-se para desafiar o impossível.

Durante meses, a preparação foi minuciosa. O grupo rebelde já contabilizava oito anos de aprisionamento em Agator, e a perda de Vodka e Anêmonis servia como permanente combustível para a resistência. Em reuniões reservadas, discutiam estratégias, cada um avaliando o papel de Karas, o arturiano dissidente cuja escolha abalava as certezas do grupo.

Em uma dessas reuniões, Muriell comentou em voz baixa:

— Karas é indispensável. Precisamos confiar nele se quisermos sair desse lugar terrível.

Zustras concordou com um aceno.

— Ele conhece o funcionamento do Império como ninguém. É nosso trunfo.

No entanto, a desconfiança persistia. Kurama e Spike debatiam em apartes.

— E se ele nos trair no momento decisivo? — questionou Kurama, olhando de lado para Karas.

— Se fizer isso — respondeu Spike, em tom seco —, garantiremos que não saia vivo daqui. Estamos preparados.

Tyran, sempre cético, deixou clara sua posição.

— Conheço os arturianos. — Ele cruzou os braços. — Só confiarei em Karas se, no limite, ele escolher salvar a minha vida. Caso contrário, continuará sendo apenas mais um agente do chicote.

Azrael, com seu olhar sereno, ponderou:

— Todos já fomos párias, de uma forma ou de outra. Não subestimem o peso de uma mão estendida no momento certo.

Enquanto isso, Zustras contava os dias e analisava cada ciclo de 15 dias para a chegada da nave de suprimentos.

— A próxima nave trará apenas dois pilotos, sem guardas — detalhou ele ao grupo. — É essa que esperamos. Assim que pousar, agiremos.

— Há risco de naves de guarda — interveio Karas. — Para que possamos partir, preciso obter os códigos de liberação. Farei isso entrando na sala do comandante Tezarius.

O ambiente era de tensão controlada. O sucesso da operação dependia de uma única brecha, sabendo que os guardas das outras alas só perceberiam algo errado quando a nave já estivesse partindo. A determinação de todos em desafiar o impossível era a única garantia.

Na sombria prisão de Agator, poucos nomes provocavam tanto receio quanto o do comandante Tezarius. Simioide carnívoro, pouco acima de 1,70m, de pelos vermelho-fogo e olhos carregados de malícia, era conhecido por sua postura psicótica e seu temperamento imprevisível. Apesar de pertencer à etnia Orang, tradicionalmente pacífica e diplomática, Tezarius representava o extremo oposto de sua linhagem. Enviado para Agator justamente pelo alto comando, que desejava mantê-lo afastado de missões sensíveis, Tezarius encontrara ali o terreno fértil para suas práticas cruéis. Seu histórico em Anemonis era um lembrete constante de sua capacidade de tortura — atos cometidos não por necessidade, mas pelo simples prazer de subjugar e experimentar o sofrimento alheio.

Ele não era admirado nem mesmo entre os demais oficiais. Seu comportamento o tornava indesejado e, por vezes, evitado. Contudo, sua astúcia o impedia de ultrapassar certos limites, especialmente em relação a Karas, tenente protegido de Thade. Ainda assim, sempre que surgia um trabalho degradante, era Karas o primeiro convocado.

— Karas, venha imediatamente à minha sala — disse Tezarius em uma reunião, com sua voz áspera. — Tenho um serviço especial para você. Não me faça esperar.

— Sim, comandante — respondeu Karas, controlando o tom.

Tezarius se divertia com pequenas humilhações, mas nunca avançava sem cautela. "A proteção de Thade é um escudo, mas nem todo escudo dura para sempre", murmurava consigo mesmo. Observador meticuloso, mantinha Karas sob constante vigilância, utilizando informantes, câmeras e até mesmo sua própria presença durante inspeções. *Desde que esse arturiano pisou aqui, pensava ele, observando discretamente, senti o cheiro inconfundível da traição. Só preciso de um deslize para torná-lo exemplo.*

Karas, por sua vez, ignorava a extensão da desconfiança que o cercava. Seu objetivo — obter os códigos de liberação do computador do comandante — era arriscado e exigia precisão. Nos bastidores, Tezarius já acompanhava cada movimento, sem compartilhar seus planos nem com a equipe de segurança. Queria capturar Karas em flagrante, consolidando sua reputação e, quem sabe, garantindo uma transferência definitiva para longe de Agator.

O clima era de expectativa. A tensão crescente entre comandante e tenente indicava que o confronto era apenas questão de tempo. Restava saber quem faria o primeiro movimento — e se sobreviveria às consequências.

O dia decisivo havia chegado. Era noite avançada; o vento soprava com força do lado de fora dos dormitórios, enquanto, no interior da guarnição, o silêncio predominava. Karas aguardou o momento mais escuro da noite, ciente de que, nesse intervalo, todos estariam adormecidos, exceto pelas sentinelas que buscavam abrigo do frio em suas guaritas.

Com discrição, deixou seu dormitório. Cada passo era tomado com cautela, os dedos se fechando e abrindo, denunciando seu nervosismo. Nos corredores, a iluminação era escassa, o que facilitava seu deslocamento. O objetivo era claro: precisava alcançar o exterior rapidamente e evitar qualquer encontro inesperado, especialmente com soldados nos banheiros coletivos. Vestido com um traje preto, Karas fundia-se à sombra do ambiente.

Ao chegar do lado de fora, deparou-se com o desafio da escalada. A entrada no escritório do comandante dependia desse risco, já que, por costume, a porta permanecia destrancada — ninguém ousaria invadir aquele espaço. As paredes da guarnição, esculpidas em rocha bruta nos antigos tempos de mineração de dilitio, impunham respeito. O escritório estava posicionado no ponto mais alto, com vista privilegiada para o pátio, o campo de pouso e os alojamentos dos prisioneiros.

Karas nunca se destacou em escaladas, mas não havia alternativa. Apesar do porte robusto, venceu o receio e, gradualmente, foi encontrando os pontos de apoio na rocha. O vento seguia impiedoso, dificultando ainda mais o avanço. Os metros finais foram os mais exigentes; as rochas estavam escorregadias e cada movimento exigia máxima concentração. Por fim, alcançou o guarda-corpo e, com um salto, entrou no interior da construção. Restavam-lhe poucos passos até a porta do corredor incrustado na rocha, fora do alcance das câmeras, que estavam voltadas apenas para o pátio externo.

Com movimentos lentos, Karas abriu a porta e entrou. O ambiente estava mergulhado em escuridão, até que uma luz foi acionada automaticamente. Na penumbra, Karas percebeu duas presenças: Tezarius, sentado à mesa, e a arma que este apontava em sua direção.

— Esperei por esse momento, tenente — declarou Tezarius, com a voz calma e firme. — Admito que imaginava que fosse acontecer antes, mas não subestimei sua determinação.

Karas, sem alternativas, manteve-se imóvel.

— Encoste-se à parede, por favor — ordenou Tezarius.

Karas obedeceu prontamente. Foi algemado de maneira eficiente e conduzido pelo comandante ao subsolo, uma área reservada para procedimentos disciplinares severos.

— Sabe, Karas, sempre fui atento aos detalhes — disse Tezarius ao chegar. — Não confio facilmente em ninguém, especialmente em quem tenta agir nas sombras.

Karas permaneceu em silêncio, analisando as possibilidades.

— Todos cometem erros, tenente. — Tezarius o observou de cima a baixo. — Estou aqui para garantir que o seu não passe impune.

Naquele instante, Karas percebeu que um único desliz do comandante poderia alterar o desfecho daquela noite.

O novo dia começava pontualmente às 5h45. No alojamento dos prisioneiros, Kurama, Spike, Zustras, Muriell, Azrael e Tyran estavam atentos. Conforme orientado, sabiam que, caso Karas não comparecesse para buscá-los e apenas dois soldados os acompanhassem, o plano seguiria em frente. Se ele fosse substituído ou o número de soldados fosse maior, significava que algo dera errado.

Enquanto isso, Karas permanecia no subsolo, sob custódia do comandante. Tinha pouco mais de 15 minutos e contava cada segundo mentalmente. No ambiente úmido e escuro, impregnado pelo odor de sangue antigo, Tezarius o amarrava na única cadeira do local. O comandante, armado, demonstrava eficiência e frieza ao preparar o ambiente, onde uma mesa repleta de ferramentas indicava que os utensílios seriam usados para fins muito diferentes de sua utilidade original.

— Você sabe, Karas, que sempre prezei pelo rigor em meus procedimentos — afirmou Tezarius, ajustando a corda. — Mas com você vou ser mais atencioso, dado o seu status de queridinho do General.

Karas manteve-se calmo, recorrendo ao treinamento especializado que havia recebido na Guarda do Alto Comando — um treinamento do qual Tezarius não tinha conhecimento. Estava preparado para situações extremas. Quando Tezarius concluiu o trabalho e guardou sua pistola, Karas já havia posicionado as mãos de modo a facilitar sua soltura.

Em questão de segundos, com um movimento preciso, libertou-se parcialmente das amarras. Aproveitando a distração do comandante, pegou a primeira ferramenta ao alcance e desferiu um golpe contundente na lateral de sua cabeça. Tezarius caiu, ferido. Karas rapidamente apanhou a pistola e as chaves, trancando o comandante no local antes de sair.

Subiu as escadas com agilidade até a sala do comandante. Lá, copiou os códigos de autorização para um drive portátil. No rádio, uma mensagem soou:

— Selvagem I para Agator, solicito autorização para pouso. Câmbio.

Surpreso com a coincidência, Karas assumiu o rádio e, imitando a voz de Tezarius, respondeu:

— Selvagem I, código de autorização, câmbio.

— Está resfriado, comandante? — questionou o piloto.

— Isso não é relevante, soldado. Envie o código, câmbio.

— Ok. Código 27859 – Art. Art. Câmbio.

— Autorização concedida. Câmbio.

Com o procedimento concluído, Karas respirou fundo. Restavam apenas dois minutos. Dirigiu-se à sala de armamentos, onde pegou um lança-foguetes e uma submetralhadora. Era o momento decisivo.

No pátio, o grupo já havia iniciado a ação. Spike neutralizou dois soldados próximos ao elevador, enquanto Muriell cuidou do terceiro que controlava o elevador da mina, escondendo o corpo dos três. O grupo avançou furtivamente até a nave de carga que acabara de pousar. Com precisão, eles debelaram a resistência dos soldados que descarregavam as provisões. Um dos pilotos foi neutralizado do lado de fora, mas o outro permaneceu trancado na cabine.

Do alto da torre de vigilância, Karas observava os seis em ação, como peças de um tabuleiro em movimento acelerado. O vento cortava o céu nublado, carregando o cheiro metálico da chuva que se aproximava. Sem hesitar, Karas girou sobre os calcanhares e desceu correndo pelo estreito corredor de escadas, o eco de seus passos ressoando como tambores de guerra. Ele precisava se juntar aos companheiros.

Enquanto isso, Tezarius despertou em meio à penumbra, desorientado. Seu rosto ardia com o sangue morno que escorria pela testa. Não viu sinal de Karas. O pânico subiu por suas entranhas. Correu até a porta e a encontrou trancada. Começou a socá-la com fúria.

— Alguém! Abra essa porta! — vociferava, sem resposta.

Um jovem soldado responsável pela limpeza ouviu o barulho. Aproximou-se cautelosamente. *O comandante ficou preso na sala...?* pensou em voz alta, e imediatamente puxou seu molho de chaves. Com mãos trêmulas, destravou a porta.

Assim que a abertura se formou, Tezarius irrompeu como um furacão.

— Saia da minha frente! — gritou, empurrando o rapaz contra a parede. — Acione o alarme! Agora!

Karas já estava no segundo lance das escadas quando o alarme começou a soar, um som metálico e ensurdecedor. Ao mesmo tempo, Tezarius surgiu pela porta do subsolo, ofegante e em frenesi.

— Matem! Matem ele! Maldito traidor! — rugia, apontando para Karas.

Os soldados da guarita se entreolharam, confusos. Dois segundos de hesitação. O suficiente.

Karas puxou o lança-foguetes das costas, mirou e disparou contra a base da estrutura. A explosão sacudiu a guarita como um brinquedo de papelão. Fogo, destroços e uma chuva de ferro e faíscas cobriram a muralha. Karas desviou o olhar; não queria matar seus companheiros, apenas abrir passagem.

A detonação sacudiu o pátio. Os seis fugitivos, protegidos atrás de barricadas improvisadas dos suprimentos, ergueram os olhos. Karas havia entrado em ação.

Os tiros começaram a chover de todos os lados – Fuga de prisioneiros – Gritou um soldado. Era preciso alcançar a nave. Havia apenas uma forma: Karas precisava saltar. A queda era alta, perigosa, mas ele se lançou ao vazio. Ao tocar o chão com brutalidade, sua submetralhadora escorregou e ficou para trás. Ignorando a dor, correu rumo à barricada de mantimentos onde o grupo estava protegido.

Kurama se ergueu, alarmado.

— Karas! Você está bem? Está sangrando!

Karas olhou para o ombro e viu o sangue escorrendo. Um tiro o havia atingido sem que percebesse.

— Estou bem. Precisamos alcançar a nave. O comandante não é bobo. Ele vai chamar reforço aéreo. Temos que ser rápidos.

Kurama encarou Karas. Algo no olhar do canusiano havia mudado. Em silêncio, tirou a própria arma e entregou-a a Zustras.

— Hora de aprender a atirar, embaixador.

Então estendeu a mão.

— Me dê seu lança-foguetes.

Karas o olhou com pesar. Entendeu, naquele instante, o que estava para acontecer. Kurama não seguiria com eles. Ele não iria para casa. Mesmo assim, entregou a arma.

— Vou ganhar tempo para que vocês entrem na nave. Vão — disse Kurama com firmeza.

Ele apontou o lança-foguetes para o tanque de combustível no centro do pátio e atirou. A explosão foi colossal. Uma bola de fogo iluminou o céu, e os soldados arturianos recuaram, cegos e abafados pela onda de calor.

O piloto da nave, atordoado, cobriu os olhos, queria decolar, mas ficou indeciso. *O que está acontecendo?* pensou o piloto. Azrael aproveitou a chance. Correu até a entrada e, ao entrar, empurrou o piloto para os fundos da cabine. Mas o homem ainda não havia se rendido. Do chão, puxou uma arma escondida, mirou em Tyran — que entrava logo atrás — e atirou. Karas viu. Num impulso, puxou Tyran para o lado, salvando-o por um triz. Spike, logo atrás, abaixado, atirou sem hesitar, eliminando o piloto com um único disparo. Karas então o arrastou para fora, jogando o corpo inerte no pátio.

Do outro lado, Tezarius berrava:

— Atirem na nave, idiotas! Ela não pode decolar!

Os soldados obedeceram, mas logo foram surpreendidos por outro foguete, vindo das mãos de Kurama, que atingiu a sala de comando. A estrutura incendiou-se num rugido flamejante. As armas das torres silenciaram. O céu parecia cuspir fogo. Kurama sorria. Em meio ao inferno, ele era o maestro do caos.

Com a destruição do centro de comando, as algemas dos prisioneiros se soltaram. Zustras sentiu seus pulsos livres pela primeira vez e sorriu discretamente. Em pensamento, Azrael agradeceu. Elevadores começaram a subir. Prisioneiros de todos os blocos emergiam, armados com pedaços de ferro, pás e ferramentas, apoderando-se das armas dos soldados caídos. Corriam direto para o combate. Era uma revolta. Era vingança.

De dentro da nave, os fugitivos davam cobertura a Kurama. Ele avançava, atirando com precisão, mas um tiro o atingiu na perna. Ele caiu de joelhos, gemeu de dor, mas não soltou a arma.

— Não! Kurama! — gritou Muriell, protegendo-o com disparos.

Lá atrás, Tezarius ainda berrava:

— Tragam as naves! Avisem o Comando! Precisamos de reforços, AGORA!

Kurama olhou para seu amigo. Não disse uma única palavra. Apenas assentiu. E continuou atirando.

— Vamos, Azrael! Vamos sair daqui! — gritou Karas, já no interior da nave.

— E o Capitão Kurama? — perguntou Azrael, com um nó na garganta.

Muriell sentou-se ao lado dele no cockpit e respondeu:

— Vamos decolar. O Kurama vai nos dar a chance de sobreviver.

Do chão, Kurama assistiu a nave erguer voo. O vento levantava poeira ao seu redor. Ele ergueu uma última vez o lança-foguetes e apontou para a torre de transmissão — a maior da prisão. Sabia que não haveria onde se esconder após o disparo. Ele atirou. A explosão atingiu a base da estrutura. A torre estremeceu, gemeu e começou a cair como um colosso derrotado, seu corpo de ferro despencando em direção ao pátio.

Tezarius olhou para o alto, apavorado. Só teve tempo de erguer os braços antes de ser esmagado.

Kurama, no chão, fechou os olhos. Um sopro saiu de seus lábios:

— Boa sorte, meus amigos.

Os elevadores seguiam abrindo. Prisioneiros em fúria varriam o pátio, enfrentando os arturianos corpo a corpo, sendo abatidos e vingados logo em seguida. O caos era absoluto.

A nave subia velozmente, cortando o céu acinzentado daquela manhã onde o sol surgia tímido entre as nuvens. As portas foram seladas. Azrael pilotava, atento.

— Os códigos, Karas — pediu Muriell.

Karas retirou o chip da roupa e o entregou. Muriell o inseriu nos comandos. A nave de guarda em órbita reconheceu a autorização. A embarcação ativou o sistema de dobra e, com um último tremor, desapareceu no espaço.

Tyran se ajoelhou diante de Karas, com a maleta de primeiros socorros aberta. Suas mãos estavam manchadas de sangue, mas havia calma em seus gestos.

— Eu disse uma vez... que só confiaria em você se salvasse minha vida — disse, com um leve sorriso enquanto cuidava dos ferimentos. — Obrigado.

Karas não respondeu com palavras. Apenas o encarou por um instante e assentiu em silêncio, com um brilho discreto nos olhos. À sua maneira, isso dizia tudo.

No fundo da cabine, Zustras permanecia imóvel, fitando o vazio da dobra espacial pela janela. As faixas de luz estelar se estendiam como rios cósmicos, e entre elas, o reflexo do seu olhar marejado. Ele não dizia nada, mas sua saudade era uma presença viva.

Spike se aproximou devagar, repousou uma mão firme sobre os ombros do embaixador e, num tom respeitoso, murmurou:

— Nossas lágrimas... são homenagens ao capitão. Um verdadeiro herói.

Zustras fechou os olhos por um momento, como se recebesse aquelas palavras no peito.

Ao lado do painel de navegação, Azrael observava a rota se desenhar nas telas. O silêncio da cabine era sereno, pesado, mas não triste — era reverente. Depois de um longo momento, ele deixou as palavras saírem:

— Estamos indo pra casa.

Epílogo

Retorno a Canus

O ambiente permanecia envolvido em silêncio, entrecortado apenas pelo funcionamento regular dos sistemas de bordo. Todos a bordo demonstravam exaustão, mas a expectativa era palpável — estavam, finalmente, retornando para casa.

Azrael observava atentamente os instrumentos de navegação. Zustras, determinado, revisava mentalmente todos os protocolos e códigos de segurança que poderiam ser necessários. Karas, ainda processando sua nova condição de exilado, escutava as palavras tranquilizadoras de Muriell:

— Fique tranquilo, Karas. O povo canusiano preza pela justiça. Inicialmente, você será conduzido sob custódia, mas acredito que tudo será esclarecido durante o processo.

— Agradeço, Muriell. Sei que o caminho não será fácil, mas confio em sua palavra.

Após dezesseis horas de viagem rumo ao portal estelar, o alerta de aproximação soou, sinalizando a chegada ao sistema natal. Todos se prepararam para o contato oficial. Seguiu-se a comunicação:

— Atenção, nave não identificada. Solicito identificação. — disse uma voz do piloto canusiano.

— Aqui é o embaixador Zustras Askro, acompanhado de seus colegas. Encaminhando códigos de segurança da embaixada para verificação. — respondeu Zustras.

— Aguarde um instante para confirmação.

Foram momentos de apreensão até que a resposta oficial ecoou pelos alto-falantes:

— Códigos verificados, embaixador. Bem-vindos de volta a Canus. Aguardamos a nave na plataforma 16 da Torre do Palácio Presidencial.

Com a autorização concedida, um sentimento de alívio tomou conta do grupo. Azrael, até então contido, permitiu-se um leve sorriso. Enquanto a nave descia pela atmosfera dourada de Canus, as luzes da metrópole tornavam-se visíveis através das escotilhas, sinalizando um novo capítulo na trajetória dos viajantes.

Encontro na Sede da Presidência da República Canusiana

Após um dia de descanso e a devida apresentação dos relatórios às autoridades canusianas, a equipe foi convocada ao gabinete do Presidente Otavio Lart. Karas, detido logo após o pouso, aguardava em uma cela especial, à disposição das autoridades.

No gabinete presidencial, o ambiente era respeitoso e solene. O Presidente Otavio Lart recebeu a todos com uma breve saudação formal antes de iniciar a reunião.

— Lamento profundamente as perdas do Capitão Kurama, Vodka e Anemonis. O trabalho realizado por vocês, no entanto, é notável. Em determinado momento, acreditávamos que estavam mortos. A traição do Imperador Alheus representou um golpe doloroso para a Rebelião.

O presidente, então, direcionou-se a Tyran, olhando-o diretamente.

— Tyran, os antarianos dependem de sua liderança. Está preparado para assumir o trono?

— Senhor Presidente, meu irmão falhou com seu juramento e comprometeu o nome de nossa família. Estou pronto para restaurar nossa honra e assumir essa responsabilidade.

— Precisamos de você para estabelecer contato com os rebeldes legítimos na lua de Arnautos, em Antares. A proposta é que Canus, juntamente com Goodlesianos e Capelinos, ofereça apoio militar. Vocês retornarão a Arnautos para apresentar oficialmente essa oferta. Embaixador Zustras, a missão estará sob sua responsabilidade.

— Estou à disposição, senhor Presidente.

Muriell, então, interveio com firmeza e respeito.

— Senhor Presidente, concordo com quase todos os pontos. Entretanto, solicito que o tenente Karas permaneça sob minha responsabilidade. Tenho compromisso com sua integridade e reconheço que, sem sua colaboração, nossa missão teria fracassado. Reitero minha palavra dada a ele.

O presidente refletiu por um breve instante, em seguida, acionou um botão sobre a mesa.

— Tragam o prisioneiro arturiano ao gabinete, por favor. — disse ele para o comunicador.

— Sim, senhor. — respondeu o comunicador.

Poucos minutos depois, Karas adentrou a sala, algemado. Apesar da situação, demonstrava estar bem tratado e **com o ferimento cicatrizado** (ou "sem sinais do ferimento"), vestindo roupas limpas e apresentando aparência serena. Cumprimentou o grupo com um movimento discreto de cabeça.

— Solicito a remoção das algemas do tenente Karas. — pediu Muriell.

O presidente franziu as sobrancelhas, esboçando um leve sorriso.

— Está certo. Apenas peço que não quebre nossos ossos, senhor Karas. Soldado, pode retirar as algemas.

As algemas foram retiradas. Karas agradeceu com um gesto respeitoso, permanecendo atento e pronto para ouvir as decisões.

— Vamos. Temos muito a preparar para enviá-los de volta à Rebelião. — disse o Presidente.

— Um momento, se o senhor me permitir. — pediu Karas.

Todos na sala olharam para ele. Ele tirou um pequeno chip do braço e continuou:

— Aqui estão os códigos de segurança valiosos para a rebelião contra o Império Arturiano. Copiei arquivos importantes enquanto fugia de Agator. Contêm especificações dos escudos arturianos, táticas de combate e um plano de invasão a Antares que pode ocorrer a qualquer momento.

O Presidente e todos ficaram incrédulos.

— Com essas informações, vamos virar a guerra! — exclamou Azrael.

— Temos que levar isso rapidamente para a rebelião e compartilhar com nossos aliados goodlesianos e capelinos. — acrescentou Tyran.

— Vocês têm uma missão. A nave está pronta para levá-los para Arnautos. Vamos, temos uma guerra para vencer! — finalizou o Presidente.

Lua de Arnautos – Sede da Rebelião Antariana contra o Império Arturiano

— Protejam-se! Estamos sob ataque arturiano. Atenção, todas as naves, não se aproximem do sistema Antares. — uma voz jovem ecoou pela comunicação da rebelião, antes de se desligar abruptamente.

— Chegamos tarde. Precisamos mudar de rota para Capela e reagrupar. — concluiu Muriell.

Base Orbital de Capela, sede da recém fundada Armada Branca

O grupo seguiu para Capela e encontrou grande parte da frota rebelde. Capela e Goodles estavam prontos. Apoiada pela Armada de Capela, a Frota Branca reuniu-se para enfrentar a Armada Veneno. Muriell Angellus comandava a Zeta16 Pendar, com Karas como imediato e Azrael como piloto. Tyran assumiu a enfermaria da nave médica dos rebeldes, enquanto Spike ia comandar o exército de infantaria que desceria para o Palácio Imperial Carmim de Antares e tomaria a capital com ênfase em manter a família imperial intacta.

Zustras, temendo perder a batalha decisiva, partiu para Canopus em busca de ajuda. O tempo estava contra ele.